

Técnica junguiana de terapia breve com crianças: buscando aferição de efetividade

Michel Alexandre Fillus

Liliana Liviano Wahba

RESUMO

Estudos de efetividade são fundamentais para o desenvolvimento e aferição de técnicas e/ou recursos psicoterapêuticos, visando posterior aplicação em diversos contextos, sobretudo nos mais problemáticos e atuais. O artigo objetiva apresentar uma experiência de pesquisa com métodos mistos e de estratégia transformativa sequencial, cujo objetivo foi avaliar a efetividade de uma técnica psicoterapêutica breve, lúdica e grupal (Oficina "Brincando com sonhos"), baseada no contexto onírico, em crianças vítimas de violência, visando à adaptação psicológica dos participantes do estudo. Utilizou-se estatística não paramétrica para mensurar modificações pré e pós-intervenção, visando aferir a homogeneidade entre os grupos experimental, placebo e controle para viabilizar posterior comparação entre medidas repetidas dos instrumentos de avaliação aplicados. Na análise qualitativa o material plástico produzido em grupo foi analisado sob a perspectiva hermenêutica junguiana. O método de pesquisa utilizado possibilitou a mensuração da adaptação psicológica. Apesar da hipótese de melhora na adaptação psicológica não poder ser confirmada integralmente pelos resultados quantitativos (duas entre as três medidas - estresse e aspectos cognitivos - apresentaram melhora no grupo experimental), foi inferida qualitativamente mediante análise clínico-simbólica. Destaca-se a premente necessidade de pesquisas de efetividade enfocando técnicas das abordagens psicodinâmicas, visando atender às demandas urgentes e contemporâneas de sofrimento psicológico.

Palavras-chave: Efetividade, métodos de pesquisa, psicoterapia psicodinâmica em crianças, teoria junguiana.

ABSTRACT

Título: Jungian technique of brief therapy with children: measuring effectiveness.

Research on treatment effectiveness is fundamental for the development and measurement of psychotherapeutic techniques and/or resources, aiming for subsequent application in different contexts, especially in the most problematic and current ones. This article aims to present research with mixed methods and a sequential transformative strategy, targeted to evaluate the effectiveness of a brief, playful and group psychotherapeutic technique (Workshop "Playing with dreams"), based on the dream context, in child victims of violence, aiming at the psychological adaptation of study participants. Non-parametric statistics was used to measure pre- and post-intervention changes, aiming to assess homogeneity between the experimental, placebo and control groups, for subsequent comparison between repeated measurements of the assessment instruments that were used. In the qualitative analysis, the expressive material produced in groups was analyzed from a Jungian hermeneutic perspective.

Keywords: Effectiveness; research method; psychotherapy psychodynamic in children; jungian theory.

Sobre os Autores

M. A. F.
orcid.org/0000-0003-1837-154X
Pontifícia Universidade Católica
do Paraná (PUCPR) - Curitiba, PR.
michelfillus@gmail.com

L.L. W.
orcid.org/0000-0002-6316-2010
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUCSP) - São
Paulo, SP.
lilwah@uol.com.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Estudos de efetividade são fundamentais para o desenvolvimento e aferição de técnicas e/ou recursos psicoterapêuticos, sobretudo nas abordagens psicodinâmicas. No que tange à psicologia analítica, importante contribuição pode ser viabilizada com a implementação de recursos com ênfase nos processos criativos simbólicos e na concepção autorreguladora da psique, aplicados individualmente ou grupalmente.

Efetividade seria a aferição de efeitos de uma intervenção em condições não controladas de um ambiente experimental, mas em um ambiente de “vida real” (Flay et al., 2005). Visa, portanto, aferir validade externa da intervenção e menos a sua consistência interna ou um modelo lógico, mas a replicação da técnica com a mínima segurança de que os resultados se sustentariam e poderiam ser generalizados (Gottfredson et al., 2015).

Os métodos mistos aliam duas formas de dados – quantitativos e qualitativos – na coleta e na análise, que, considerados em conjunto, ampliam as possibilidades de entendimento de um determinado fenômeno (Creswell, 2022). Em procedimentos clínicos psicodinâmicos, o aspecto processual das transformações permite complementar os dados quantitativos, pois, para além da generalização de resultados, há a possibilidade de acompanhar um processo de desenvolvimento e mudança e, sobretudo, desvelar aspectos necessários para a compreensão em profundidade do fenômeno estudado.

O presente artigo advém da pesquisa que compôs a tese de doutoramento de um dos autores, que visou o estudo sobre a efetividade de uma técnica lúdica e breve para tratamento de crianças vítimas de violência. Aponta-se para a necessidade de dispor de medidas de prevenção, as quais têm se provado uma medida fundamental para a redução de sintomatologia (Calvano et al. 2021). Strathearn et al. (2020) afirmam que a falta de tratamento faz os sintomas perdurarem, prejudicando o desenvolvimento nas áreas afetiva, social e cognitiva. O acesso de crianças aos tratamentos reduz custos de intervenções futuras, justificando a necessidade de ações as mais urgentes possíveis nos casos de violência (Pazderka et. al. 2022).

Uma proposta lúdica e que trabalhe com símbolos pode ser importante para que não se revivam sentimentos desconfortáveis ou retraumatizantes. Ryan et al. (2017) afirmam que intervenções que proporcionem qualidades sensoriais seguras, relacionais, lúdicas, voltadas para a idade da criança, satisfazem melhor suas necessidades, destacando-se de métodos não estritamente verbais, frequentemente utilizados em intervenções em psicologia analítica.

Aventou-se que o trabalho terapêutico com sonhos, tema clássico na psicologia analítica (Jung, 1928/2013a; 2011; Shamdasani, 2005) vinculado a um método diversificado, lúdico e em grupo, com crianças, promoveria um espaço

seguro e protegido para a expressão de sentimentos e conteúdos psíquicos, que favoreceria a adaptação psicológica dos participantes.

O artigo objetiva apresentar a estruturação de uma pesquisa com métodos mistos e de estratégia transformativa sequencial, cujo objetivo foi avaliar a efetividade de uma técnica breve, lúdica e grupal (Oficina “Brincando com sonhos”), baseado no contexto onírico, em crianças vítimas de violência, visando à adaptação psicológica dos participantes do estudo.

MÉTODO

DESENHO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa com método misto, configurando uma estratégia transformativa sequencial (Creswell, 2022), cujo instrumento de intervenção foi a técnica oficina “Brincando com sonhos”. Os participantes foram distribuídos em três grupos denominados de experimental, placebo e controle. No início e no final do processo, as crianças foram testadas com o objetivo de mensurar quantitativamente as variáveis estresse, aspectos cognitivos e comportamentais. Na dimensão qualitativa, foram consideradas as produções simbólicas das crianças, expressas nas produções plásticas (desenhos, esculturas, dobraduras e colagens) e nas verbalizações, além das informações qualitativas sobre o desempenho dos participantes durante o processo grupal.

O objetivo do grupo experimental foi verificar os efeitos da técnica testada nas crianças. O objetivo do grupo placebo foi averiguar se apenas a presença do terapeuta no grupo seria suficiente para provocar mudanças semelhantes às do grupo experimental, portanto, a similaridade com o grupo experimental visou garantir a validade do teste de placebo. O grupo controle objetivou comparar os resultados com os participantes que não receberam nenhum tipo de intervenção. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP na data de 14 de março de 2018, com Parecer número 2.542.849.

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 33 crianças entre seis a onze anos de idade, de ambos os sexos, que não estavam em situação de acolhimento institucional. Possuíam histórico de violência identificado pelas instituições que compõem a rede de proteção da cidade (CRAS, CREAS e Conselho Tutelar) e eram encaminhadas para a instituição na qual ocorreu a pesquisa

Os participantes foram inicialmente divididos entre meninos e meninas e, em seguida, sorteados entre os grupos experimental, placebo e controle, alternadamente, de acordo com o sexo. Foram formados seis grupos: dois Grupos

Experimentais (GE) - 11 participantes; dois grupos Placebo (GP) - 9 participantes; 2 Grupos Controle (GC) - 13 participantes. Cumpre salientar que na análise estatística foram considerados 31 participantes, pois duas crianças do grupo experimental não realizaram a segunda testagem (av.02) e foram consideradas apenas na análise qualitativa.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Questionário sociodemográfico (QSD): teve por finalidade explorar o perfil dos participantes, de modo a possibilitar a compreensão da situação das crianças na época da coleta de dados e a obtenção de informações históricas

Escala de estresse infantil – 6 a 14 anos (ESI): objetivou avaliar o estresse infantil a partir dos fatores reação física, reação psicológica, reações psicológicas com componente depressivo e reações psicofisiológicas, apresentando resultados para cada um desses fatores. (Lipp & Lucarelli, 2011).

Escala Wechsler Abreviada de Inteligência IV – 6 a 89 anos (WASI-IV): avaliou aspectos de inteligência fluida e cristalizada, raciocínio espacial e não verbal, processamento da informação visual e conhecimento verbal, que podem apresentar-se prejudicados em crianças vítimas de violência (Matte-Landry et. al., 2023).

Teacher Report Form (TRF) – 6 a 18 anos: inventário de comportamentos (Achenbach & Rescorla, 2001) e faz parte do Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA), sistema abrangente de avaliação baseada em evidências que reúne instrumentos de aferição de competências, pontos fortes, funcionamento adaptativo e problemas comportamentais, emocionais e sociais.

INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO

A oficina “Brincando com sonhos” trata-se de uma técnica criada pelo primeiro autor. Conjecturou-se uma proposta que unisse uma prática grupal e os pressupostos da psicologia analítica, sobretudo o trabalho com sonhos e recursos expressivos. Na proposta da técnica considera-se o papel do grupo (promovendo apoio, união e criatividade diante das problemáticas expostas), a brevidade (a realidade das instituições é marcada por alta rotatividade de crianças) e os conteúdos oníricos. O detalhamento do procedimento encontra-se disponível em Fillus (2019).

PROCEDIMENTO DE AVALIAÇÃO

A fase de avaliação 1 (av.1), pré-intervenção, demarcou o início do processo de coleta dos dados, objetivando o levantamento das informações do estado inicial das crianças para verificar a homogeneidade entre os grupos e para ser comparado com os dados da avaliação posterior. Os participantes da pesquisa foram avaliados pelos terapeutas por meio dos instrumentos. A psicóloga da instituição

respondeu ao questionário sociodemográfico. A fase de avaliação 2 (av.02) objetivou mensurar os mesmos aspectos pós-intervenção com as crianças, para comparação das medidas.

PROCEDIMENTO DE INTERVENÇÃO

Iniciou uma semana após o término da av.01 e findou uma semana antes do início da Av.02. Os grupos experimentais e placebo tiveram 9 encontros com 50 minutos de duração (com exceção do nono encontro, cuja duração foi de 1h20min). As crianças do grupo controle não participaram de nenhuma intervenção, aguardando o período da fase de avaliação 2 (av.2) para serem novamente avaliadas, concomitantemente aos demais grupos. O grupo placebo teve a disposição os mesmos materiais, a presença de dois terapeutas e atividades semelhantes, nas quais desenharam e brincaram livremente em grupo, porém, sem fazer referência aos sonhos.

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Visando avaliar a efetividade da técnica, foi necessário elencar uma variável que fosse passível de aferição, nesse caso, a adaptação psicológica. Com esta finalidade, elaborou-se um constructo teórico que conjugasse o conceito de “funcionamento adaptativo”, passível de mensuração quantitativa e a perspectiva junguiana acerca da adaptabilidade, passível de análise qualitativa, cujo estudo está publicado pelos autores em outro artigo (Fillus & Wahba, 2024). Portanto, a adaptação foi entendida, na pesquisa, a partir de uma perspectiva psicológica, conjugando os domínios social, prático e conceitual, aferidos, parcialmente, por meio da expressão dos sinais, habilidades e ações que compõem o “funcionamento adaptativo” e da compreensão, embasada em pressupostos junguianos, de que o desenvolvimento psíquico culmina com uma adaptação, interna e externa, gerenciada por um ego com progressiva capacidade de agência.

As variáveis com escala de medida quantitativa foram inicialmente testadas em relação à distribuição normal com o Teste de Shapiro-Wilk. A maioria das variáveis não obteve distribuição normal e, para descrevê-las, optou-se por apresentar a mediana, como medida de tendência central, e amplitude interquartilica como medida de dispersão dos dados, configurando o uso da estatística não paramétrica. A comparação das medidas de baseline (pré-intervenção) entre os grupos experimental, placebo e controle foi realizada por meio do teste de Kruskal Wallis, o qual aferiu a homogeneidade entre os grupos. Caso essa homogeneidade não fosse atestada, não poderiam ser feitas comparações entre os grupos. A comparação entre as medidas da avaliação pré-intervenção (av.01) e pós-intervenção (av.02), em cada um dos grupos (experimental, placebo e controle), foi realizada por meio do teste de Wilcoxon para medidas

repetidas. O tamanho de efeito (r) foi calculado a partir da razão da estatística do teste (valor de Z) pela raiz quadrada do tamanho amostral (n). Todas as análises foram realizadas com o pacote estatístico SPSS versão 25, e adotou-se um nível de significância estatística de $p < 0,05$.

Para a análise qualitativa foi, primeiramente, organizado o material plástico (desenhos, esculturas, dobraduras e colagens) individual e grupal por encontro, atrelando-os aos relatos dos sonhos e às informações dos registros da respectiva ocasião e descrito o desempenho dos participantes da atividade. Em seguida, as produções foram analisadas conforme as características do material gráfico/plástico (a partir dos critérios de Furth, 2004), elementos simbólicos (descritos e amplificados), temas emergentes (sintetizados em forma de frases emergentes da análise) e síntese interpretativa.

RESULTADOS

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Primeiramente, procedeu-se a caracterização da amostra, cujas variáveis, com escala nominativa (sexo, responsável, estado civil dos responsáveis, escolaridade dos responsáveis, tipo de violência sofrida) foram descritas por meio da distribuição de frequência absoluta e relativa. Seguem as tabelas com os resultados da comparação entre as medidas pré e pós-intervenção, organizadas conforme os grupos. A tabela 1 refere-se aos resultados da avaliação na Escala de estresse infantil (ESI).

Apenas no grupo experimental, nas comparações entre as avaliações, observaram-se diferenças estatisticamente significativas, de efeito grande ($r = 0,5$ ou mais, conforme classificação de Cohen, 1988), para a diminuição do estresse nos itens reações psicológicas, reações psicofisiológicas e total de estresse (Escala de Estresse – ESI). Nos grupos placebo e controle não houve diferenças significativas.

Tabela 1. Verificação das diferenças entre as avaliações av.1 e av.2 no ESI

	Experimental (n=9)					Placebo (n=9)					Controle (n=13)				
	Av.1	Av.2				Av.1	Av.2				Av.1	Av.2			
	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p
Reações Físicas	10,0 (4,5)	6,0 (7,5)	- 1,34	- 0,45	0,181	9,0 (12,0)	14,0 (7,5)	- 1,05	- 0,35	0,292	12,0 (14,5)	9,0 (8,0)	- 0,14	- 0,04	0,888
Reações Psicológicas	14,0 (7,5)	10,0 (9,5)	- 2,32	- 0,77	0,02	16,0 (5,0)	17,0 (9,0)	- 0,65	- 0,22	0,514	15,0 (14,0)	14,0 (11,0)	- 0,77	- 0,21	0,444
Reações Psicológicas com componente depressivo	11,0 (6,0)	11,0 (13,0)	- 0,85	- 0,28	0,395	8,0 (11,5)	10,0 (6,5)	- 0,14	- 0,05	0,889	9,0 (8,5)	8,0 (6,5)	- 0,28	- 0,08	0,779
Reações Psicofisiológicas	12,0 (7,0)	8,0 (8,0)	- 2,14	- 0,71	0,033	9,0 (7,0)	11,0 (12,0)	- 0,63	- 0,21	0,526	11,0 (10,0)	11,0 (6,5)	0,00	0,00	1,000
Total	50,0 (15,0)	46,0 (30,5)	- 2,38	- 0,79	0,017	42,0 (36,0)	53,0 (21,0)	- 0,30	- 0,10	0,767	49,0 (40,0)	43,0 (23,5)	- 0,39	- 0,11	0,701

Nota. Med = mediana; AIQ = amplitude interquartil; Z = valor da estatística do teste; r = tamanho de efeito; p = valor de p para o teste de Wilcoxon.

A tabela 2 refere-se aos resultados da avaliação na Escala Wechsler Abreviada de Inteligência IV. Na Escala Wechsler Abreviada de Inteligência – WASI, houve resultados significativos, de efeito grande (Cohen, 1988), no subteste Raciocínio Matricial e no QI Total – 2 para o grupo experimental, no sentido de melhora das habilidades cognitivas. Nos grupos placebo e controle não houve diferenças significativas.

A tabela 3 refere-se aos resultados das escalas gerais da avaliação com Teacher Report Form (TRF) e, abaixo, como continuidade, são apresentados na tabela 4 os resultados do Funcionamento adaptativo “Escolar” e apenas a escala orientada para o DSM denominada “TDAH”, pois foi a única na qual houve resultado significativo.

Quanto aos problemas de comportamento (escalas gerais do TRF), não houve resultados significativos no Teacher

Report-Form – TRF/6-18, porém, apenas no grupo experimental houve diminuição do número de participantes com escore de pontuação clínica. No grupo placebo evidenciou-se diferença significativa, de efeito grande (Cohen, 1988), no item TDAH, no Teacher Report-Form – TRF/6-18, indicando uma piora nesse aspecto. No grupo controle, evidenciou-se diferença significativa indicando piora em Comportamento Externalizante, no Teacher Report-Form – TRF/6-18. Contudo, resultados significativos, de efeito grande (Cohen, 1988), em Escola ou Performance Acadêmica, Esforço nas tarefas e Funcionamento adaptativo “escolar” para o grupo controle, no sentido de um aumento da pontuação, interpretado como melhora, visto que valores maiores nesses itens compreendem a percepção de melhora por parte do respondente.

Tabela 2. Verificação das diferenças entre as avaliações av.1 e av.2 na WASI

	Experimental (n=9)					Placebo (n=9)					Controle (n=13)				
	Av.1	Av.2				Av.1	Av.2				Av.1	Av.2			
	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p
Vocabulário	31,0 (9,0)	30,0 (6,0)	-	-	0,445	26,0 (6,5)	30,0 (9,5)	-	-	0,205	29,0 (6,5)	28,0 (6,5)	-	-	0,555
Raciocínio Matricial	35,0 (7,5)	43,0 (12,5)	-	-	0,017	38,0 (18,0)	43,0 (22,5)	-	-	0,204	39,0 (13,5)	43,0 (10,5)	-	-	0,374
Total	72,0 (17,0)	74,0 (14,0)	-	-	0,038	72,0 (22,5)	77,0 (25,5)	-	-	0,192	71,0 (18,5)	76,0 (13,5)	-	-	0,289

Nota. Med = mediana; AIQ = amplitude interquartil; Z = valor da estatística do teste; r = tamanho de efeito; p = valor de p para o teste de Wilcoxon.

ANÁLISE QUALITATIVA

Abaixo, segue um exemplo da análise realizada de um dos encontros do grupo experimental vespertino, conforme os itens que compuseram o método de análise desenvolvido pelos autores. Primeiramente, apresenta-se o desenho e o relato do sonho da participante sorteada, do qual derivou a produção em grupo dos participantes.

O relato original do sonho, coletado na fase 1 foi: "Eu sonhei que 'tava' indo um fantasma no castelo. Só". Contudo, no dia em que foi sorteada, a participantes quis trazer a história do sonho do seguinte modo: "os fantasmas estavam indo no castelo e roubaram tudo".

A partir do sonho de origem (desenho e relato), foi realizada a produção grupal apresentada a seguir. A produção, nessa sessão, foi conjunta e setorizada. Três participantes focaram seus esforços nos cartazes, mas também fizeram produções individuais. Depois, um quarto participante ajudou no cartaz. Os que não trabalharam em

conjunto permaneceram em sua atividade individual. Contudo, houve interação entre eles.

Figura 1. Desenho do sonho da participante sorteada

Tabela 3. Verificação das diferenças entre as avaliações av.1 e av.2 nos Escalas Gerais do TRF

	Experimental (n=9)					Placebo (n=9)					Controle (n=13)				
	Av.1	Av.2				Av.1	Av.2				Av.1	Av.2			
	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p
Escala de comportamento internalizante	50,0 (16,0)	50,0 (8,0)	-	-	0,528	38,0 (20,5)	45,0 (23,5)	-	-	0,233	45,0 (13,5)	47,0 (15,5)	-	-	0,238
Escala de comportamento externalizante	58,0 (20,5)	43,0 (21,0)	-	-	0,279	51,0 (17,0)	52,0 (20,5)	-	-	0,235	43,0 (17,5)	51,0 (10,5)	-	-	0,014
Total de problemas de comportamento	52,0 (10,0)	53,0 (17)	-	-	0,726	52,0 (9,0)	50,0 (10,5)	-	-	0,906	49 (13,0)	50,0 (11,5)	-	-	0,638

Nota. Med = mediana; AIQ = amplitude interquartil; Z = valor da estatística do teste; r = tamanho de efeito; p = valor de p para o teste de Wilcoxon.

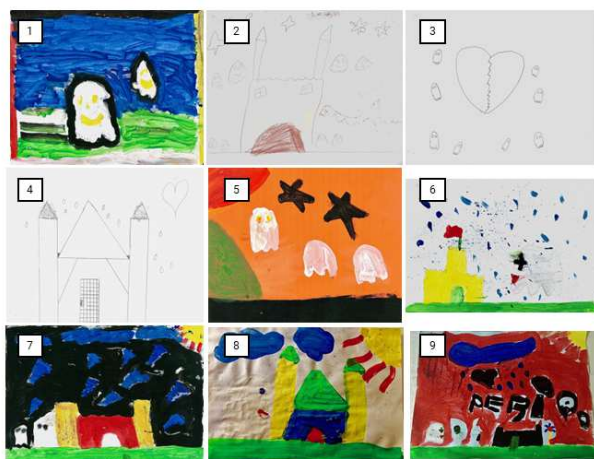
CARACTERÍSTICAS DO MATERIAL GRÁFICO/PLÁSTICO

As categorias sugeridas por Furth (2004) estão sublinhadas para auxiliar na identificação. Quanto ao

desenho realizado pela sonhadora, há uma primeira impressão, como sentimento transmitido, de um misto de ambiente lúdico e ameaçador, gerando uma sensação de

alerta. Não há algo central (o que é central), mas se destacam o castelo e os fantasmas. Não há um sombreado, mas o traço da pintura pode sugerir ansiedade. Há uma rasura, pois uma das torres do castelo foi apagada, o que pode indicar algo que está ganhando significação ou a presença de um conflito. A linha ultrapassando o alto da página pode ser análoga às nuvens, que compõem como que uma linha no céu, podendo indicar algo psicologicamente opressor. Chama a atenção o movimento da pintura em azul, sugerindo uma ventania.

Figura 2. Produções grupais



Nas produções grupais, o sentimento transmitido é de ameaça, medo, pavor, angústia, tristeza. Na categoria “o que é estranho”, é observado, no desenho 9, um fantasma com a língua para fora, uma flor com miolo preto, uma menina com um nariz fálico e uma extensão pontuda que sai de sua mão (como se fosse uma varinha). Há no mesmo desenho uma espécie de nuvem azul, que remete a um pênis, e gotas azuis, que caem dessa “nuvem-pênis”. Os fantasmas com língua de fora aparecem nos desenhos 6 e 8. Para maioria dos desenhos, o que é central é o castelo (2, 4, 7, 8 e 9), seguido do fantasma (1 e 5) e do coração (3), que representariam as problemáticas mais importantes para as crianças. Na categoria tamanho, observa-se o tamanho da nuvem-pênis e das letras (9) e, também, dos fantasmas que são quase maiores que o castelo (6 e 8). O sombreado, que pode indicar ansiedade, não é observado como sombras, mas como traços que são carregados, fortes e borrados (1, 6, 7, 8 e 9). A encapsulação, como tentativa de conter ou proteger, aparece no desenho 1, no qual os fantasmas estão encapsulados por um contorno preto e a página contém bordas. No desenho 9, a encapsulação aparece no desenho da menina e das flores, pois o vermelho em volta parece formar uma cápsula ao redor delas. Há muitos pontos de rasuras nos desenhos 6 e 9, podendo significar áreas de conflito. A categoria palavras nos desenhos é observada no cartaz 9, no qual a palavra “perigo”

está escrita em tamanho bem grande, sugerindo ser uma forma de deixar uma informação bem clara. As linhas atravessando o alto da página podem ser comparadas às nuvens (7, 8 e 9), e há uma linha preta que faz parte da borda do desenho 1, o que pode representar algo que está afligindo a pessoa. Na categoria cheio versus vazio, os desenhos 2, 3 e 4 estão sem colorir, o que sugere falta de energia para preencher a folha. Sobre as cores, há a predominância é do vermelho, o que indicaria um problema abrasador, emoções arrebatadoras ou perigo. Destaca-se o vermelho do cartaz 9, os raios do sol no desenho 8, a cor do castelo em 7, a bandeira do castelo em 6 e uma espécie de sol vermelho em 5. O preto aparece indicando ameaça e medo, está na palavra “perigo” (9), no preenchimento do desenho 7, no chão e estrelas do desenho 5 e na borda superior do desenho 1, bem como na borda dos fantasmas.

ELEMENTOS SIMBÓLICOS

Abaixo, estão descritos os três símbolos principais, dentre os nove apresentados na análise original.

Castelo: No desenho da sonhadora, aparece colorido, com uma torre incompleta (foi apagada). Parece estar bem estruturado. No desenho 2, o castelo aparece lembrando uma face zangada. No desenho 4, aparece em linhas retas, formado por duas formas geométricas triangulares e duas torres. Aparece à esquerda no desenho 6, pintado em amarelo, simétrico, mas com uma bandeira vermelha no topo. No desenho 7, o castelo está em vermelho e amarelo, mas suas torres não têm pontas e sua porta parece estar ausente. No desenho 8, está bem colorido, mas parece “mole”, como se fosse inflável, com dois raios de sol invadindo a torre direita. No desenho 9, aparece todo em preto, com suas torres vermelhas tortas para a direita. O simbolismo do castelo pode derivar da casa ou da cidade murada e o seu sentido. No sentido sombrio, pode expressar o caráter de prisão, infernal, de desesperança e imutabilidade da situação. O castelo luminoso, por sua vez, pode ter um caráter simbólico de proteção (Chevalier; Gheerbrant, 2020).

Fantasma: No desenho da sonhadora, aparecem dois fantasmas, menores que o castelo. No desenho 1, aparecem em traços disformes e encapsulados por uma linha preta. No desenho 2, os fantasmas são oito e não estão pintados. Sete deles têm um sorriso semelhante ao sorriso do fantasma do desenho 1. Há oito fantasmas, sem preenchimento e apenas com olhos no desenho 3. No desenho 5, estão preenchidos com tinta branca e um dos três tem olhos. O fantasma do desenho 6 é branco, mas tem uma boca bem vermelha e olhos em cruz, lembrando imagens de mortos. No desenho 7, aparece um fantasma bem delimitado e outro que já se mistura ao desenho do castelo como se dele fosse parte. No desenho 8, há um fantasma com um tamanho quase semelhante ao castelo, com uma boca bem vermelha. No

desenho 9, o fantasma aparece com uma boca preta e uma língua saliente vermelha para fora; seu olho também é vermelho com detalhes em verde. Nas verbalizações sobre os fantasmas, uma participante diz que “os bichos são perigosos” e a sonhadora confirma: “acho que os fantasmas são perigosos” (segundo verbalização dos participantes). Segundo Nasi (2016), os fantasmas associam-se à independência e à autonomia dos conteúdos psíquicos e podem representar o desconhecido, o estranho e o incomum sobre o qual não se tem nenhum controle, além de indicarem a possibilidade de situações sombrias do cotidiano. Quanto ao aspecto “ladrão” dos fantasmas, pode significar experiências negativas, pensamentos destrutivos que invadem o sistema consciente (Von Franz, 1993).

Nuvem e chuva: No desenho da sonhadora, aparecem três nuvens que quase tomam toda a porção superior da folha. No

desenho 1, não há nuvens, mas o céu está coberto por um azul escuro, com traços fortes. Não há nuvens no desenho 6, mas há traços em azul que podem lembrar chuva. Há nuvens bem carregadas no desenho 7 e formações em azul que se assemelham a pequenos tornados, como uma extensão das nuvens. O céu está todo tomado pela cor preta. Há um céu com nuvens espessas no desenho 8. No desenho 9, a nuvem tem um formato fálico e é de tamanho grande, destacando-se no cartaz. Há pingos e traços verticais em azul que lembram chuva. Inserir nuvens no desenho pode indicar a pressão do ambiente sobre o sujeito ou ameaça (Bacarji; Gramacho, 2005). A presença da chuva “representa a hostilidade do meio que o sujeito deve enfrentar”; com fluxo torrencial pode indicar “muita pressão, situação muito estressante” (Querol & Paz, 2004, p. 75), e as gotas de chuva podem ser análogas às lágrimas, refletindo um sentimento de angústia.

Tabela 4. Verificação das diferenças entre as avaliações av.1 e av.2 nos para Funcionamento Adaptativo Escolar (itens+soma dos itens) e TDAH (Escala orientada para o DSM) no TRF

	Experimental (n=9)					Placebo (n=9)					Controle (n=13)				
	Av.1		Av.2			Av.1		Av.2			Av.1		Av.2		
	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p	Med. (AIQ)	Med. (AIQ)	Z	r	p
Escola ou performance acadêmica	47,0 (13,0)	48,0 (1,0)	- 1,63	- 0,54	0,102	36,0 (8,0)	47,0 (12,5)	- 1,60	- 0,53	0,109	36,0 (6,0)	48,0 (12,5)	- 2,09	- 0,58	0,036
Esforço nas tarefas	43,0 (10,0)	46,0 (4,5)	- 1,73	- 0,58	0,083	43,0 (9,0)	46,0 (8,5)	- 1,52	- 0,51	0,129	43,0 (8,5)	46,0 (8,0)	- 2,26	- 0,63	0,024
Comportamento adequado	44,0 (11,5)	44,0 (6,0)	0,00	0,00	1,00	44,0 (7,0)	44,0 (6,5)	- 1,60	- 0,53	0,109	44,0 (9,0)	49,0 (5,0)	- 1,84	- 0,51	0,066
Aprendizagem	40,0 (11,0)	47,0 (2,0)	- 1,84	- 0,61	0,066	40,0 (9,5)	45,0 (10,5)	- 0,37	- 0,12	0,715	40,0 (9,0)	47,0 (10,0)	- 1,49	- 0,41	0,136
Felicidade	46,0 (6,0)	44,0 (5,5)	- 0,45	- 0,15	0,655	44,0 (2,0)	44,0 (5,3)	- 1,07	- 0,36	0,285	46,0 (2,0)	46,0 (2,0)	0,00	- 0,58	1,000
Funcionamento adaptativo escolar (Soma dos itens)	45,0 (11,5)	43,0 (4,0)	- 0,67	- 0,22	0,5	43,0 (5,5)	43,0 (7,8)	- 0,55	- 0,18	0,581	41,0 (8,0)	43,0 (8,0)	- 2,08	- 0,58	0,038
TDAH	55,0 (9,5)	51,0 (8,0)	- 1,16	- 0,39	0,246	52,0 (6,0)	55,0 (8,5)	- 2,04	- 0,68	0,041	52,0 (6,0)	52,0 (7,0)	- 0,97	- 0,27	0,331

Nota. Med = mediana; AIQ = amplitude interquartil; Z = valor da estatística do teste; r = tamanho de efeito; p = valor de p para o teste de Wilcoxon.

TEMAS EMERGENTES

Os temas emergentes surgiram a partir do material produzido e das verbalizações

- A ameaça fantasmagórica das experiências potencialmente traumáticas e complexos inconscientes sobre o ego e suas defesas;

- A sensação de perigo e o medo, expressos simbolicamente, deflagram as possíveis vivências decorrentes da violência nas crianças e seu tônus afetivo.

- O sentimento de tristeza é expresso pelo “coração partido”.

SÍNTESE INTERPRETATIVA (TEMA GERAL: AMEAÇA)

Um ambiente de ameaça apresenta-se no material produzido e cada participante manifesta as qualidades dos seus fantasmas interiores e exteriores (situações de violência). O vermelho e o preto repetem-se como um misto de ameaças que mobilizam emoções abrasadoras, denunciando um ambiente de aflição e de perigo constante. O castelo, evidenciado no sonho de origem, está assombrado e é saqueado pelo violador externo e/ou interno. Aparece como símbolo da morada idealizada, mas com sua segurança e integridade infantil comprometidas, abaladas pela perda da confiança, da segurança, da autoestima, da inocência e das

condições básicas para um desenvolvimento saudável. Em situações extremas de violência, não há limites por parte do perpetrador e há poucos recursos para barrá-lo.

As sinalizações de perigo, tanto em letras garrafaís quanto na bandeira vermelha, atentam para algo urgente. A sensação de impotência é atestada no problema com os fantasmas “eles roubaram tudo” (Segundo verbalização do participante). Não parece haver defesas suficientes para uma situação vivenciadas. Apesar de uma possível tentativa de conter o fantasma (1), simbolizada pela moldura como ensaio de organização, na maioria dos desenhos a predominância da ameaça e do poder do fantasma supera outros recursos, como observado no sol espremido pelo negrume (7). O coração quebrado, como símbolo do sofrimento, da decepção ou do desamor, pode estar acompanhando a sonhadora em quase toda a sua vida.

Os elementos das nuvens com um azul carregado podem ser compreendidos como uma ameaça que recai sobre o pensamento das crianças, um aspecto destruidor, como pensamentos de susto, de terror e de medo. Acompanhado de um traçado que revela ansiedade e inquietação, o cartaz (9) possui a inscrição “perigo” em letras gigantes. O perigo existe e é evidenciado, notificado e nomeado. A evidência do medo pode ser curativa, na medida em que a ameaça é expressa e identificada no mundo externo. A postura das crianças desloca-se de uma atitude onipotente observada na primeira sessão da oficina para uma conduta de denúncia.

Dos conteúdos mais alarmantes produzidos pelas crianças, a sugestão de abuso sexual denunciado no cartaz (9) estaria expressa na nuvem que possui um aspecto fálico. O vermelho endossa a ideia de que o problema é avassalador e carrega um forte afeto.

A ameaça está mais clarificada e o tamanho do cartaz com o que nele está escrito sugere uma denúncia. O uso defensivo do bochecho utilizado no encontro anterior foi suavizado nesta ocasião, na qual o medo foi revelado. Ter condição de expressar o que aterroriza e denunciar o perigo pode mobilizar a necessidade de contenção e defesa. Uma expressão para esses desenhos poderia ser: “olha o que eu estou vivendo”.

DISCUSSÃO

DESENHO DA PESQUISA

O método de pesquisa utilizado possibilitou a verificação de modificações na adaptação psicológica, conjugando os domínios social, prático e conceitual descritos pela American Psychological Association (APA, 2023), que compõem o “funcionamento adaptativo”, aferidos pelos instrumentos de avaliação e observados, qualitativamente, a partir das produções plásticas e do desempenho das crianças durante os encontros.

A dificuldade em lidar com estressores pode culminar com a formação de quadros psicopatológicos (Davis et al., 2023; Calvano et al., 2021; Strathearn et al., 2020), doenças orgânicas e problemas de adaptação (Lipp & Lucarelli, 2011). Notaram-se indícios de ansiedade e humor deprimido (postura vigilante, tristeza, emoções dolorosas, insegurança e sentimento de falta de proteção) nas produções plásticas, bem como problemas de oposição e quebra de regras no comportamento das crianças, com maior intensidade no início da oficina.

A diminuição do estresse, apontada como significativa pela avaliação estatística, pode ser compreendida pela perspectiva do método transformativo sequencial de análise qualitativa (Creswell, 2022), na qual observou-se, clinicamente, que a descarga de tensão psíquica propiciada por um ambiente seguro e acolhedor, com continência para expressão de fantasias, pode favorecer a redução de estresse. Considerando o caráter autorregulatório, dinâmico e criativo da psique (Jung, 1958/2013b), as emoções, quando expressas em imagens, poderão favorecer uma melhor atitude da criança para lidar com elas (Jacoby, 2010). Além disso, a brincadeira, com base na fantasia, pode ser um espaço fecundo para as crianças aprenderem a expressar, processar, modular e regular emoções, capacitando-se a usá-las de modo adaptável (Gupta et al, 2023; Rubinstein & Lahad, 2023). Compreende-se, ainda, que uma forma de “denúncia inconsciente” de fatos concretos possa ter auxiliado a expressão e a descarga emocional, além de apontar as dificuldades do meio em garantir proteção suficiente.

Observaram-se resultados quantitativos significativos no subteste Raciocínio Matricial e no QI Total – 2 para o grupo experimental, sinalizando melhora nas habilidades cognitivas. Infere-se que um fortalecimento do sentido de agência do eu nesses participantes, associado à despotencialização de emoções disruptivas, pode ter impactos sobre o desempenho em testes de inteligência, favorecendo a adaptabilidade.

Emoções disruptivas e núcleos carregados de afeto podem interferir no desempenho das funções cognitivas (Matte-Landry et. al., 2023). Nos participantes deste estudo, observou-se melhora na inteligência fluida, que está ligada à memória de trabalho e envolve o executivo central. Essa modalidade de inteligência requer o controle ativo da atenção, a fim de impedir que estímulos, internos ou externos, interfiram na concentração e no acesso aos conteúdos armazenados. Memórias ligadas às situações de estresse, ansiedade e medo terão uma evocação mais rápida em situações semelhantes (Lilja et al. 2024), sugerindo que o indivíduo, cujo ambiente interno é povoado de afetos disruptivos, poderá apresentar dificuldades no controle da atenção e acesso àquelas memórias essenciais para a fluidez da inteligência. Fan & Kang (2025) e Vagni et al. (2021) afirmam que rebaixamento cognitivo, dificuldades na resolução de problemas, prejuízo na integração de memórias

e fantasias assim como distorções da realidade podem estar associados a vivências traumatizantes. Tais sinais são consonantes com a noção de complexo e seu caráter possessivo e obsessivo, que leva a erros, falhas na memória e dificuldade no julgamento, de modo a dificultar os esforços de adaptação da consciência (Jung, 1957/2012).

Psicodinamicamente, o crescente poder de agência do eu experimentado na infância é fundamental para a administração dos mundos interno e externo, atribuindo-se a ele o gerenciar fatores ligados ao estresse e aspectos cognitivos. O objetivo do desenvolvimento de um senso de agência é adquirir um nível de representação madura de si próprio e o sentimento de ser capaz de se autogerir – administrar a si mesmo, cuja característica elementar é a crescente percepção de si mesmo e de sua potência como agente para suprir suas necessidades ou promover adaptações ao ambiente (Knox, 2011).

Resultados quantitativos dos comportamentos avaliados pelo TRF no grupo experimental não apresentaram significância estatística. No grupo placebo, houve resultados significativos interpretados como piora em TDAH. No grupo controle, houve diferença significativa interpretada como piora em comportamentos externalizantes, ao passo que o mesmo grupo melhorou significativamente em funcionamento adaptativo escolar e nas variáveis performance acadêmica e esforço nas tarefas. Aponta-se a necessidade da continuidade do estudo com maior número de participantes, ampliando a aplicação de testes estatísticos, para compreender esses resultados. A partir do teste placebo, a presença do terapeuta no grupo por se não se constituiu como um fator determinante para modificações em comparação com o grupo experimental.

Evidenciou-se, durante os encontros da oficina, que, em conjunto com a expressão de conteúdos disruptivos, passaram a emergir, progressivamente, nas produções e verbalizações, sinais de recursos para contenção do sofrimento, busca por proteção e fortalecimento egoico, denotando necessidade de agir, defender-se e criar soluções. Por meio das produções plásticas e brincadeiras, as crianças puderam acessar conteúdos psíquicos em profundidade, revelando conteúdos e emoções que não haviam sido verbalizados.

Os elementos oníricos mostraram-se mobilizadores para as produções, viabilizando o trabalho com sonhos em grupo com crianças, cujo coletivo foi importante para que o envolvimento com conteúdos disruptivos fosse acessado, em razão da unidade criada entre os participantes, proporcionando força e união. O fato de ter trabalhado com sonhos como estímulo das produções nas sessões da oficina se apresenta como potente mobilizador de conteúdos, favorecendo a ativação do processo de autorregulação psíquica das crianças. Foi oferecida a possibilidade de situações presentes e afetos (positivos e negativos) serem

trabalhados, ativando a criatividade, o prazer do desafio e da resolução de um problema, solução que se inicia na fantasia e que poderá incrementar o encontro de soluções na vida (Jung, 1924/2013c).

Pôde-se observar indícios de operabilidade da técnica avaliada na pesquisa em movimentos de modificação das expressões plásticas, indicando que as oficinas e seus terapeutas/condutores proporcionaram o acolhimento de emoções, conflitos e dramas, como observado na análise simbólica das produções realizadas. Na experiência proporcionada, observou-se que, inicialmente, foram mais comuns aspectos caóticos: agressão, ameaças, medo, morte, deboche, oposição, emoções negativas, reatividade, impotência e tensão. Posteriormente, tais expressões gradativamente diminuíram, dando lugar a princípios de organização, diferenciação entre bem e o mal, maior presença do herói e mais expressão de agência, apaziguamento de emoções hostis, melhor exposição de fatores internos e símbolos de cura. Observou-se, também, que comportamentos negativistas e de oposição deram lugar a comportamentos de compartilhamento e empatia. Considerando a redução de estresse e a melhora no desempenho em testes de inteligência, acrescidos aos resultados qualitativos, conjecturou-se que haja ocorrido uma promoção de adaptabilidade nas crianças e de seu poder individual de agenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito do artigo foi apresentar uma experiência de estudo de efetividade, a partir de uma técnica inédita, visando contribuir para que métodos diversificados possam ser aplicados, ampliando as possibilidades de intervenção em abordagens psicodinâmicas. Ainda que os resultados tenham permitido aferir parcialmente a efetividade da técnica, na experiência da pesquisa notou-se que ambas as abordagens quantitativa e qualitativa, que compõem o método misto, foram necessárias para conjugar requisitos técnicos a fim de aferir efetividade da técnica e apresentar o processo simbólico e profundo do inconsciente em sua função autorregulatória. Notou-se, qualitativamente, a ativação de um processo grupal em que foram observadas modificações nas expressões e condutas dos participantes, mobilizadas a partir dos conteúdos oníricos, o que contribuiu para aprimorar a adaptação psicológica favorável ao desenvolvimento infantil.

Estudos que visam aferir efetividade, em condições semelhantes às encontradas nesse estudo, apresentam desafios metodológicos, em virtude de composição de amostragem, evasão e dificuldade de estabelecimento de grupos experimental, placebo e controle. As limitações do estudo apontaram para os desafios da pesquisa em contextos marcados pela violência, nos quais se necessita

driblar condições de pouca segurança, manejar dificuldades imprevisíveis e se adequar à organização das instituições que executam inúmeras atividades e enfrentam fortes obstáculos.

Recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas com técnicas ou recursos interventivos, destacando-se estudos de efetividade de modalidades de psicoterapia, sobretudo, naquelas de abordagem psicodinâmica, de modo a responder aos desafios contemporâneos. Além da clínica individual, tais estudos podem viabilizar a implementação de recursos no âmbito clínico grupal ou em ambientes socioeducativos, justificando sua inserção e aplicabilidade em instituições, a fim de fortalecer o suporte oferecido e favorecer a saúde emocional de pessoas em situação de risco ou de vulnerabilidade, como no caso das crianças participantes da pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

M.A.F e L.L.W. contribuíram para a conceitualização, metodologia, visualização, preparação do rascunho original, revisão e edição final; M.A.F. fez a análise formal e tabulação dos dados e investigação; L.L.W. contribuiu com a administração do projeto, supervisão e validação.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA school-age forms & profiles*. University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- American Psychiatric Association. (2023). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR* (5ª ed., texto revisado). Artmed.
- Bacarji, J. E. W., & Gramacho, P. M. (2005). Desenhos de criança com câncer – uma avaliação da projeção. In N. A. G. Nucci & E. M. Perina (Orgs.). *As dimensões do cuidar em psiconcologia pediátrica*. Livro Pleno.
- Calvano, C., Murray, E., Bentz, L., Bos, S., Reiter, K., Ihme, L., & Winter, S. M. (2021). Evaluation of an early intervention model for child and adolescent victims of interpersonal violence. *Children*, 8(10), 941. <https://doi.org/10.3390/children8100941>
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2020). *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números* (37ª ed.). José Olympio Editora.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2022). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (6th ed.). SAGE Publications.
- Davis, R. S., Meiser-Stedman, R., Afzal, N., Devaney, J., Halligan, S. L., Lofthouse, K., Smith, P., Stallard, P., Ye, S., & Hiller, R. M. (2023). Systematic review and meta-analysis: Group-based interventions for treating posttraumatic stress symptoms in children and adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 62(11), 1217–1232. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2023.02.013>
- Fan, L., & Kang, T. (2025). Early childhood trauma and its long-term impact on cognitive and emotional development: A systematic review and meta-analysis. *Annals of Medicine*, 57(1), 2536199. <https://doi.org/10.1080/07853890.2025.2536199>
- Flay, B. R., Biglan, A., Boruch, R. F., Castro, F. G., Gottfredson, D., Kellam, S., Mościcki, E. K., Schinke, S., Valentine, J. C., & Ji, P. (2005). Standards of evidence: criteria for efficacy, effectiveness and dissemination. *Prevention science: the official journal of the Society for Prevention Research*, 6(3), 151–175. <https://doi.org/10.1007/s11121-005-5553-y>
- Fillus, M. A. (2019). *Brincando com os sonhos: Recurso interventivo grupal breve a partir de conteúdos oníricos – Uma proposta para crianças vítimas de violência* (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Fillus, M. A., Wahba, L. L. (2024). Child development and adaptation: Relation between Jungian propositions and the concept of adaptive functioning. *Estudos de psicologia*, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e210081>
- Furth, G. M. (2004). *O mundo secreto dos desenhos: Uma abordagem junguiana da cura pela arte* (2ª ed.). Paulus.
- Gottfredson, D. C., Cook, T. D., Gardner, F. E. M., Gorman-Smith, D., Howe, G. W., Sandler, I. N., & Zafft, K. M. (2015). Standards of evidence for efficacy, effectiveness, and scale-up research in prevention science: next generation. *Prevention Science*, 16(7), 893–926. <https://doi.org/10.1007/s11121-015-0555-x>
- Gupta, N., Chaudhary, R., Gupta, M., Ikehara, L. H., Zubiar, F., & Madabushi, J. S. (2023). Play therapy as an effective option for school-age children with emotional and behavioral problems: A case series. *Cureus*, 15(6), e40093. <https://doi.org/10.7759/cureus.40093>
- Jacoby, M. (2010). *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças*. Paulus.
- Jung, C. G. (2011). *Seminários sobre sonhos de crianças: Sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2012). Prefácio ao livro de Jacobi: “Komplex, archetypus, symbol in der psychologie C. G. Jungs”. In C. G. Jung, *Obra Completa de C.G Jung: Vol. 18/2. A vida simbólica*. Vozes. (Obra original publicado em 1957)
- Jung, C. G. (2013a). Aspectos gerais da psicologia do sonho. In C. G. Jung, *Obra Completa de C.G Jung: Vol. 8/2. A natureza da psique* (pp. 73-148). Vozes. (Obra original publicado em 1928)
- Jung, C. G. (2013b). A função transcendente. In C. G. Jung, *Obra Completa de C.G: Vol. 8/2. A natureza da psique* (pp. 13-38). Vozes. (Obra original publicado em 1958)

- Jung, C. G. (2013c). Psicologia analítica e educação. In C. G. Jung, *Obras Completas de C.G. Vol. 17. O desenvolvimento da personalidade* (pp. 73-148). Vozes. (Obra original publicado em 1924)
- Knox, J. (2011). *Self-agency in psychotherapy*. W. W. Norton & Company.
- Lilja, A., Fernandez, G., & Schwabe, L. (2024). Stress enhances memory for previously encoded events depending on stressor recall. *Learning & Memory*, 31(12), a053987. <https://doi.org/10.1101/lm.053987.124>
- Lipp, M. E. N., & Lucarelli, M. D. M. (2011). *Escala de Estresse Infantil (ESI) : manual* (2nd ed.). Casa do Psicólogo.
- Matte-Landry, A., Grisé Bolduc, M. È., Tanguay-Garneau, L., Collin-Vézina, D., & Ouellet-Morin, I. (2023). Cognitive outcomes of children with complex trauma: A systematic review and meta-analyses of longitudinal studies. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(4), 2743–2757. <https://doi.org/10.1177/15248380221111484>
- Nasi, M. T. C. C. A. (2016). *A representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica.
- Pazderka, H., Reeson, M., Polzin, W., et al. (2022). Five year cost savings of a multimodal treatment program for child sexual abuse (CSA): A social return on investment study. *BMC Health Services Research*, 22, 892. <https://doi.org/10.1186/s12913-022-08267-w>
- Querol, S. M., & Chaves Paz, M. I. (2004). *Adaptación y aplicación del Test de la Persona Bajo la Lluvia* (2ª ed.). Editorial Lugar.
- Rubinstein, D., & Lahad, M. (2023). Fantastic reality: The role of imagination, playfulness, and creativity in healing trauma. *Traumatology*, 29(2), 102–111. <https://doi.org/10.1037/trm0000376>
- Ryan, K., Lane, S. J., & Powers, D. (2017). A multidisciplinary model for treating complex trauma in early childhood. *International Journal of Play Therapy*, 26(2), 111–123. <https://doi.org/10.1037/pla0000044>
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Strathearn, L., Giannotti, M., Mills, R., Kisely, S., Najman, J., & Abajobir, A. (2020). Long-term cognitive, psychological, and health outcomes associated with child abuse and neglect. *Pediatrics*, 146(4), e20200438. <https://doi.org/10.1542/peds.2020-0438>
- Vagni, M., Maiorano, T., & Giostra, V. (2021). The relationship between suggestibility, fabrication, distortion, and trauma in suspected sexually abused children. *Social Sciences*, 10(2), 37. <https://doi.org/10.3390/socsci10020037>
- Von Franz, M.-L., & Boa, F. (1993). *O caminho dos sonhos* (2ª ed.). Cultrix.

Recebido em: 04/02/2025

Primeira decisão editorial em: 18/08/2025

Aceito em: 03/11/2025